

Negócio da China

Clínicas do país cobram por terapias com células-tronco sem comprovação científica

Duilo Victor
duilo.victor@oglobo.com.br

Pacientes de outros países, inclusive do Brasil, procuram clínicas chinesas em busca da promessa de cura de mal de Parkinson, diabetes, autismo e esclerose múltipla com uso de células-tronco. Pagam até US\$ 8 mil para cada infusão das células, atraídos por anúncios na internet de clínicas instaladas em grandes complexos hospitalares, como os de Pequim e Xangai. Seria uma ótima notícia, se os tratamentos oferecidos não tivessem qualquer prova científica de sua eficácia, e o negócio irregular não fosse combatido pela próprio Ministério da Saúde chinês.

Tais tratamentos com células-tronco só existem em caráter experimental. Hoje, apenas algumas doenças do sangue têm a terapia com este tipo de célula comprovada cientificamente. O problema foi tema de denúncia publicada ontem pela revista "Nature" — um dos mais importantes periódicos científicos do mundo — que ouviu especialistas condenarem o uso de terapia com células-tronco sem auditoria técnica e alertarem que, para alguns casos, o tratamento pode trazer mais problemas aos pacientes.

Clínicas prometem tratar Alzheimer

De acordo com a revista, o ambiente das clínicas que prometem cura está longe de ter aspecto clandestino, e médicos e enfermeiras aparentemente estão convencidos de que podem ajudar seus pacientes. Uma estimativa feita em 2009 revelava que chegava a 100 o número de companhias que faziam uso de células-tronco na China. Há in-



Maurício Lima/AFP

AMOSTRAS de células-tronco: terapia em clínicas chinesas sem evidência científica são combatidas pelo governo local

clusive a descrição de uma delas, em Xangai, instalada em uma das áreas mais valorizadas da cidade, que vende tratamento com células-tronco do cordão umbilical ou do tecido adiposo para tratar Alzheimer, com até oito aplicações das células. Outra, na cidade de Changchun, informa ter tratado mais de 10 mil pacientes com o método. Já a Xangai WA Optimum Health Care alega ter uma "aliança estratégica" com a Universidade de Harvard, nos EUA, mas tanto a escola de medicina quanto

o instituto de células-tronco de Harvard alegam desconhecer qualquer ligação com a WA.

A pesquisadora Mayana Zatz, diretora do Instituto Nacional de Células-Tronco em Doenças Genéticas da USP, faz coro com a "Nature" e condena o que ocorre na China. Mayana afirma que apenas doenças do sangue, como leucemia, alguns tipos de anemia e talassemia, têm tratamento aprovado para humanos com uso de células-tronco.

— O que se faz nessas clínicas chine-

sas, ninguém sabe. Tem que se detalhar muito os métodos usados no tratamento, o que não ocorre. Na Alemanha, houve um caso semelhante, em que uma criança morreu em um tratamento de célula-tronco, mas a clínica foi fechada — conta a pesquisadora.

Além dos conflitos éticos que envolvem o uso de um tratamento que sequer tem seu método avaliado cientificamente — um dos efeitos colaterais pode ser o desenvolvimento de tumores —, Mayana destaca que

a cobrança pelo serviço também é eticamente reprovável para tratamentos experimentais:

— Da forma como é feito, realmente pode-se chamar de negócio da China. Há sites na internet com tradução para o português para levar pacientes daqui.

Uma breve pesquisa na internet e é possível identificar brasileiros que se apresentam como representantes de clínicas chinesas para o tratamento de lesões cerebrais e disfunções musculares com células tronco. Uma das referências remete à página na internet da Beiko Biotech, com sede em Shenzhen. A empresa se apresenta como capaz de tratar paralisia cerebral e lesões no nervo ótico com as células. A clínica chinesa garante que as amostras de células-tronco são monitoradas por bancos de sangue indicados pelo governo.

Na rede social Orkut, há um fórum de pacientes brasileiros que trocam experiências e dão conselhos sobre a necessidade em buscar um intérprete para o inglês ou o mandarim antes de viajar. Na mesma página, um passo a passo informa sobre a importância de conseguir visto e autorização de uma instituição bancária para fazer remessa de dinheiro para o exterior.

Na China, segundo notícia a "Nature", o equivalente ao Ministério da Saúde no país asiático adotou desde janeiro um pacote de ações para reprimir a prática ilegal. Uma das medidas foi decretar moratória para novas clínicas de terapia com células-tronco até o segundo semestre e proibir as existentes de cobrarem pelo tratamento. Outra foi obrigar tais clínicas a registrarem suas atividades, métodos de pesquisa e procedência das células. Mas para a publicação americana, que dedicou um editorial para condenar a indústria ilegal, as medidas chinesas ainda não mostraram efeito. ■

Prejuízo com fungos é de US\$ 60 bi

Cerca de 600 milhões teriam alimentos se organismos não devastassem o campo

John Haner/The New York Times

Renato Grandelle
renato.grandelle@oglobo.com.br

Em meados do século XIX, a Irlanda viveu a Grande Fome, quando o ataque de um fungo devastou as plantações de batata, base da dieta local. O movimento desencadeou uma série de migrações — entre os passageiros para os EUA, por exemplo, estava o agricultor Patrick Kennedy, cujo bisneto, John, presidiria o país 112 anos depois. Hoje, os fungos têm um efeito tão devastador como nos tempos de Patrick, como denuncia um estudo publicado na revista "Nature". Segundo levantamento do Imperial College London e da Universidade de Oxford, cerca de 600 milhões de pessoas poderiam ser alimentadas anualmente se não fosse o estrago destes organismos às principais culturas do campo.

O prejuízo passa das cifras à biodiversidade. As infecções de fungos destroem anualmente 125 milhões de toneladas de arroz, trigo, milho, batatas e soja (a produção brasileira de grãos em 2011 foi de 159 milhões de toneladas). Os prejuízos referentes às perdas nas três primeiras culturas somam US\$ 60 bilhões. Os países que contabilizam mais danos à sua agricultura são aqueles em desenvolvimento — onde se concentra boa parte do 1,4 bilhão de pessoas que vivem com menos de US\$ 1,25 por dia.

Os efeitos são desproporcionalmente catastróficos — lamenta Sarah Gurr, coautora do estudo e professora de Patologia Molecular em Oxford. — A Índia está respondendo bem ao desafio da segurança alimentar, mas outras países não têm os mesmos recursos para isso. No Brasil, os campos de trigo já sofreram o efeito dos fungos. A cota-



PESQUISADOR COLETA trigo: ataques de fungos são mais presentes em países em desenvolvimento

Matthew Fisher/Nature



UMA ESPÉCIE de sapo, segundo estudo, é vítima de doenças fúngicas

sofre com certas doenças provocadas por estes organismos, mas não há grandes desafios no momento. De acordo com Sarah, cerca de 70% dos casos com doenças infecciosas que resultaram na extinção de animais ou plantas têm, em sua origem, um fungo — o que ocorre, por exemplo, com uma espécie de sapo parteiro.

A conta não surpreende a bi-

óloga Arailde Urbem, especialista em micologia (o estudo dos fungos) da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. A pesquisadora lembra de organismos que dizimaram plantações de café e cacau na Bahia. Arailde foi uma das descobridoras do fungo *Sigatoka negra*, que devastou bananeiras na Amazônia.

— Como primeira medida ten-

tamos sempre controlar o fungo por produtos químicos, mas nem sempre isso dá certo — reconhece. — Depende de seu grau de virulência e variedade genética. O ambiente proporciona que este organismo desenvolva mutações mais resistentes.

Para Arailde, os fungos são um problema "para a vida inteira", devido à impossibilidade de produzir uma planta totalmente resistente aos fungos.

Ainda assim, Sarah acredita que as doenças fúngicas podem ser controladas, se forem dedicadas a elas um controle maior das autoridades — e em diversas esferas.

— A ONU é o melhor órgão para apresentar controles mais rigorosos de biossegurança — sugere. — Mas, nacionalmente, devem ser desenvolvidos acompanhamentos de vigilância; experimentos em uma escala menor nunca poderão prever a propagação e gravidade de doenças. ■

Expedição registra aquecimento global

Casal percorreu 64 mil km

Cibelle Brito
cibelle.brito@oglobo.com.br

Agir agora. Com este lema o casal suíço Dario e Sabine Schwörer percorreu aproximadamente 64 mil quilômetros pelos oceanos e subiu aos sete maiores picos de cada continente. A expedição TopToTop utilizou meios de transporte sustentáveis — o barco Pachamama e bicicletas nos trechos no solo — para estudar os efeitos do aquecimento global em diferentes zonas climáticas; além de promover palestras sobre sustentabilidade para crianças de diferentes comunidades mundiais.

Dario e Sabine estão na Marina da Glória desde segunda, onde permanecerão até o dia 28 deste mês, e realizarão palestras em escolas do Rio para divulgar a expedição, do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (Unep), em parceria com a SGS e o governo suíço.

Durante a expedição, Schwörer desenvolveu um artigo sobre o impacto do aquecimento global nos sete picos. Apesar de perceber alterações nos picos, ele é otimista. Acredita que ainda há tempo para reverter o problema.

— Precisamos inspirar as novas gerações através das inúmeras belezas naturais existentes no mundo — conta Schwörer, que é geógrafo.

Além dos estudos de Schwörer, ele e sua mulher colheram depoimentos em diferentes áreas para entender os fenômenos climáticos. Todos os artigos estão no site da expedição. As experiências serão relatadas na conferência Rio + 20.

O barco Pachamama — que significa Mãe Terra, a maior divindade religiosa dos povos incas — é autossustentável. Toda a energia utilizada é captada por 16 pontos de energia solar. O Pachamama também possui tecnologia para reaproveitamento da água.

Divulgação



O BARCO Pachamama (Mãe Terra), em Sidney, na Austrália